

CULTURA E LINGUAGEM: INTERPRETAÇÃO DO AWÊ NA FORMAÇÃO DA CONSCIÊNCIA DOS PATAXÓS DO EXTREMO SUL DA BAHIA

CULTURE AND LANGUAGE: AWÊ INTERPRETATION OF THE FORMATION OF CONSCIENCE PATAXÓS THE EXTREME SOUTH OF BAHIA

Arisnando de Aragão Ribeiro¹; Helânia Thomazine Porto²

Resumo: Objetivamos, por meio deste estudo descrever e analisar o *Awê* como signo de indianidade e refletir sobre a formação da consciência política, a partir da vivência dessa linguagem. A análise do *Awê* na formação da consciência foi norteada a partir das indagações: - Os símbolos eleitos pelos Pataxós traduzem uma consciência coletiva? - A vivência do *Awê* tem contribuído para a formação de sujeitos politizados? - A adoção do *Awê* como prática cultural genuinamente indígena acontece de forma consciente? Nesse sentido foi adotada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo e para interpretação dos símbolos culturais foram eleitos os estudos de Grunewald (2005), Bogo (2005), Prézia e Hoonart (1992), Sadraque (2005), Veronez (2005), (2006) e Valle (2000).

Palavras-chave: Linguagem; Cultura; Pataxós da Bahia; Consciência política.

Abstract: We aim, through this study to describe and analyze awe as Indianness sign and reflect on the formation of political consciousness, from the experience of this language. Analysis of awe in the formation of conscience was guided from the questions: - The symbols elected by Pataxós translate a collective consciousness? - The experience of awe has contributed to the formation of politicized subject? - The adoption of awe as genuinely indigenous cultural practice happens consciously? In this sense was adopted literature and field research and interpretation of cultural symbols were elected studies of Grunewald (2005), Bogo (2005), Prezia and Hoonart (1992), Shadrach (2005), Veronez (2005) (2006) and Valle (2000).

Keywords: language; Culture; Pataxó of Bahia; Political consciousness.

1 Introdução

O Ministério da Educação no Brasil existem cerca de 210 sociedades indígenas e aproximadamente 170 línguas indígenas em uso nas comunidades, alguns em completo distanciamento da sociedade hegemônica e outros, como os indígenas do leste brasileiro que tiveram um contato ininterrupto com os colonizadores a partir do século XVI.

¹ Graduado em Letras: Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia, especialista em Educação em Linguagens das Escolas do Campo, pela Universidade de Brasília – UNB.

² Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia - UNEB, no Departamento de Educação - Campus X. Licenciada em Letras pela FAFIC/ES (1989); Especialização lato-sensu em Linguística Aplicada ao estudo do Português pela UESB/BA e Psicopedagogia pela UESC/BA; Mestrado em Educação, Administração e Comunicação - UNIMARCO/SP (2006). Tem formação em Arteterapia e bacharelado em Psicanálise. Membro do Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens - GEICEL (CNPq/CAPES/UNEB), atuante na linha de pesquisa: Língua, linguagens, significação e identidade. Realiza pesquisas acerca dos eixos temáticos: Educação, linguagem e Comunidade Indígenas; Semiótica, Linguagens e Cultura Indígena e Miatizações em Comunidade Indígena.

Aos povos do leste brasileiro, do século XVI até as últimas décadas do século XX, as políticas do Estado estiveram orientadas em práticas de integração forçada à sociedade nacional e assimilação da cultura dos grupos hegemônicos, essas práticas visavam eliminar a diferenciação étnica.

As propostas educativas dos missionários jesuítas até a implantação das escolas pelo Serviço de Proteção do Índio, em 1910, apontavam para a anulação da identidade étnica e aculturação dos indígenas.

As mudanças nesse cenário são recentes, a partir de 1970 quando algumas sociedades indígenas passaram a ser apoiadas por organizações não-governamentais que divulgaram a nível nacional e internacional as demandas das diversas nações indígenas, especificamente o direito a um projeto de educação mais respeitoso à diversidade e aos direitos coletivos.

Os princípios e as formas de execução da política de educação escolar indígena passaram a ser desenhadas com a promulgação da Constituição Federal de 1988, em que se reconheceu aos índios o direito à diferença e determinou que o Estado protegesse as manifestações etnoculturais, sendo assegurada também a cada comunidade indígena a utilização de suas línguas maternas e seus processos próprios de aprendizagem.

Gradativamente as organizações indígenas começaram a reivindicar os seus direitos de forma mais autônoma, incluindo nas solicitações a demarcação e reconhecimento de seus territórios, sem perder de vista o direito a uma educação escolar diferenciada e específica.

Em todo o Brasil protestos se fizeram presentes, com maior intensidade na década de 90, na região Nordeste. Os movimentos dos indígenas nordestinos se distinguem das demais sociedades indígenas por reunir em suas reivindicações duas questões interdependentes: uma é a solicitação da terra, um bem material indispensável à economia desses grupos e, a outra é a escola na aldeia, pois a recuperação da cultura indígena está imbricada um território para que as práticas sócio-culturais possam ser vivenciadas coletivamente.

Grande parte dos povos indígenas do Nordeste desconhece a língua materna, só falam o português, e as línguas indígenas hoje faladas em algumas aldeias foram reconstruídas a partir da matriz de outras línguas nativas; como a língua dos Pataxó que tem em seu vocabulário palavras da língua Maxakali, da língua Tupinambá e dos Pataxó; no entanto todas as etnias manifestam sinais de resistência expressos nos rituais, na organização política e na reelaboração da cultura.

As populações indígenas que habitam o Nordeste provêm das culturas autóctones que foram envolvidas em dois processos que contribuíram para a perda da identidade indígena, a primeira o envolvimento com sociedade hegemônica, pelo processo de integração com as missões religiosas, para a assimilação da cultura do europeu. Assim, os povos indígenas do Nordeste foram forçados a abandonar suas línguas, rituais e costumes. E o segundo momento, ocorrido no século XX foi a mobilização dos grupos, apoiados por indigenista, assim emergem novas e antigas unidades étnicas que buscam afirmar-se por meio da recriação e difusão de práticas culturais, como rituais que incluem a dança, o canto e o uso de bebidas fermentadas.

O Awê é considerado como um símbolo de identidade pelas vinte etnias indígenas do Nordeste, sendo possível entendê-lo como um sistema linguístico de auto-afirmação cultural. Nesse sentido, a interpretação da vivência do Awê em uma comunidade Pataxó foi o tema eleito para estudo.

2 Aspectos Metodológicos

O estudo e as análises do Awê foram norteados a partir das indagações: (1) os símbolos eleitos pelos Pataxós da aldeia Águas Belas traduzem uma consciência coletiva? (2) a vivência do “Toré” ou “Awê” tem contribuído para a formação de sujeitos politizados, conscientes de seus direitos? (3) a adoção do Awê como prática cultural genuinamente indígena acontece de forma consciente?

Para a realização do estudo foi adotada a pesquisa bibliográfica e a pesquisa de campo, com os seguintes procedimentos: (i) delimitação do corpus para análise (ii) seleção de livros, artigos, dissertações e monografias adotados para a elaboração dos capítulos teóricos (iii) leituras e sistematização dos aportes teóricos para as interpretações das informações; (iv) seleção de depoimentos, a partir das entrevistas realizadas na comunidade e (v) a interpretação da vivência do Awê como símbolo de identidade cultural e de formação política.

Para interpretação dos símbolos culturais eleitos pelos povos indígenas do Nordeste foram eleitas as pesquisas de Grunewald (2005); sobre a formação da consciência junto às práticas culturais as teorias de Marx e Engels, a partir dos estudos de Bogo (2005). Quanto a etnohistória e a reconstrução da identidade cultural dos Pataxós, estabeleceu-se diálogos com Prézia e Hoonart, Sadraque (2005), Veronez (2005), (2006) e Valle (2000).

O estudo objetivou: descrever e analisar o Awê como signo de indianidade; registrar e interpretar as leituras realizadas pelos moradores da aldeia Águas Belas acerca do valor simbólico do Awê na comunidade, refletir sobre a formação da consciência, a partir da vivência dessa prática cultural – o Awê e avaliar se o referido signo possibilita a compreensão do que é ser Pataxó, se a sua vivência possibilita a construção de consciência política.

Os Pataxós da Bahia motivados pelo sentimento de pertencimento ressignificam símbolos e práticas sociais com vistas a afirmação da indianidade e utilizam o Awê para transmitir suas experiências e seus conhecimentos. É por meio desse signo é que se pode conhecer um conjunto de respostas dadas por eles aos desafios na luta de serem reconhecidos como indígenas.

2.1 Os sujeitos da pesquisa

Dentre os estados da região Nordeste, a Bahia é a que tem a maior população indígena, em média 20 mil índios, constituindo 10 grupos, sendo eles: Kiriri, Tuxá, Pankararé, Kantaruré, Xukuru-Kariri, Kaimbé, Pankaru, Pataxó Hã-hã-hã e Tupinambá.

Existem cinco núcleos de povoamento Pataxó: (1) Terra Indígena Imbiriba, próximo à foz do Rio dos Frades, a 20 km ao Norte de Barra Velha, mais antiga; (2) Vermelha ocupada mais recentemente, estimulada pelo fluxo turístico, onde se desenvolvem atividades artesanais. Este último povoamento está

à margem da rodovia que liga Porto Seguro a Santa Cruz de Cabrália; (3) Terra Indígena Aldeia Velha, no município de Porto Seguro, ao norte do distrito de Arraial da Ajuda; (4) Terra Indígena Mata Medonha, ao norte do município de Santa Cruz Cabrália e (5) Terra Indígena Cumuruxatiba, localizada no Parque Nacional do Descobrimento, no município do Prado, ao sul da aldeia Barra Velha.

Os povos Pataxós da Bahia destacam a importância de sua cultura e organização sociopolítica, mediante a afirmação de suas identidades e dos seus direitos históricos, e por meio de mobilizações e ações coletivas, essas comunidades vão se apropriando de áreas próximas das regiões que pertenceram aos seus ancestrais, mormente essas aldeias estão instaladas no Parque Nacional do Descobrimento, próximo ao município do Prado, em territórios do extremo sul da Bahia. (VERONEZ, 2006).

Segundo Veronez (2006) os grupos indígenas do Extremo Sul da Bahia vivem uma nova fase – trabalha rumo à conscientização etnocultural dos grupos, por meio da retomada dos territórios tradicionais. Especificamente, os Pataxós apoiados nas organizações indígenas: APOINME (Articulação dos Povos Indígenas do Nordeste, Minas Gerais e Espírito Santo) e a Frente de Resistência Pataxó. A partir de 1990, começaram coletivamente um trabalho de conscientização etnocultural dos grupos que viviam em áreas urbanas, como os que viviam na vila de Cumuruxatiba, que tiveram suas terras ocupadas por posseiros, por meio do movimento de retribalização.

O sentimento de pertencimento ao território foi intensificado no final de 1999, em ênfase em 2000 nas comemorações dos “500 anos de Brasil” e, desde então, o movimento de aldeamento tem sido uma das formas de ordenar o espaço de identidade. (PREZIA; HOORNAERT, 1992). Junto à recuperação do território tem-se as manifestações culturais como forma de resistência étnica. O Awê que tem a mesma simbologia do Toré para os demais povos do Nordeste, especificamente as músicas cantadas no ritual nos diferentes espaços educativos da aldeia tem sido utilizadas como textos para a inclusão da cultura e da memória do povo Pataxó.

3 Interpretação dos Dados: A formação da consciência e o significado atribuído ao Awê pelos Pataxós.

Os Pataxós do extremo sul da Bahia revitalizam a cultura, por meio da valorização das manifestações culturais e, nesse processo de conquista do que perderam culturalmente, buscam por intermédio da escola conhecer mais sobre a história de vida de seus antepassados e sobre suas manifestações linguísticas e culturais, valorizando esses saberes artísticos e trazendo-os para as propostas curriculares.

A Constituição Federal do Brasil (CFB) de 1988 reconheceu aos indígenas a sua organização social, costumes, línguas, crenças e tradições. No artigo 210 assegurou aos povos indígenas o uso de suas línguas nativas e processos próprios de aprendizagem e garantiu a prática do ensino bilíngue em suas escolas.

Amparados pela lei magna, muitas populações indígenas se sentiram mais seguras, e politicamente organizadas passaram a reivindicar o direito a escola na aldeia, o ensino da língua indígena pataxó (Patxohã) e o direito de vivenciarem práticas culturais, como o Awê.

A depender do local onde o Awê é vivenciado ao seu valor simbólico é agregado outros significados. O Awê é um ritual sagrado quando é vivenciado nas festas religiosas, principalmente na festa de São Sebastião que acontece no dia 20 de janeiro; político – quando é apresentado nos encontros entre as lideranças como forma de afirmar a indianidade, e é e social quando é apresentada aos visitantes, uma forma de partilhar esses saberes com os não índios, e de convidá-los para fazer parte da roda e hãmyá (dançar).

Os pataxós da aldeia Águas Belas vêem o Awê como ritual prática libertadoras, representa o passado, o presente e o futuro, assim o Awê para os Pataxos é não simplesmente músicas cantadas em uma ciranda, mas uma prática cultural carregada de sentido. Mesmo que as músicas sejam cantadas na língua portuguesa, o Awê continua sendo um símbolo poderoso para onde confluem muitos de seus traços identificatórios, pois são práticas vivenciadas pelos indígenas, o que os fazem diferentes dos não índios. Para análise dessa questão nos amparamos em Bogo,

A relação existente entre cultura e consciência é que a primeira é a criação do gesto é a segunda e a segunda é a assimilação e a repetição deste. A consciência é encarregada de dar significado às criações culturais. “Nesse sentido, avançar na formação da consciência é multiplicar as ações culturais para que daí surja os elementos da nova práxis, na qual o fazer se coloca como intermediador entre o pensar e o querer (2009, p.11).

Há uma forte identificação dos membros da aldeia com esse signo, todos os legitimam como elemento fundamental da cultura dos Pataxós. Nesse sentido, um pataxó assim o conceituou: “*o torê é uma forma de manifestação cultural, símbolo de resistência dos povos Pataxós. Assim ele passa a ser vivido de forma consciente*”. (Sr. Pedro Pataxó, liderança Pataxó, em entrevista concedida, julho de 2010).

Todo e qualquer grupo humano usa a linguagem para transmitir suas experiências e seus conhecimentos. E é por meio dos signos eleitos é que se pode conhecer às experiências e os desafios vivenciados por ele. E o Awê na escola é também estudado e dançado pelos/pela educandos/educandas, pois os adultos e educadores percebem este signo como um símbolo que afiança a identidade cultural. No depoimento do educador temos: “*Awê heruê é o maior símbolo da cultura Pataxó onde através dele os mesmos se relacionam com sua ancestralidade, buscando o fortalecimento espiritual e a harmonia com a natureza*”. (2005, p. 52).

O Awê é uma das formas que os Pataxós encontraram para entrar em harmonia um com o outro, sendo um ritual de interação, pois não exclui e nem diferencia ninguém pela sua forma de agir, pensar e expressar seus desejos.

É de extrema importância que esse ritual passe de pai para filho e para os netos, uma forma de fortalecer a consciência política, assim também de se apropriar de palavras presentes na língua dos Pataxós.

O fortalecimento da identidade cultural dos indígenas Pataxó passa, necessariamente, pela cultura e pela consciência, pois é exatamente no domínio desses conhecimentos que os grupos Pataxós contribuirão para que a comunidade eleve a motivação para participarem e permanecerem nas lutas.

O aprendizado e a vivência do Awê devem estar relacionados ao contexto em que ele é realizado, juntamente com o sistema de crenças que faz com que as músicas sejam aprendidas, a batida do pé com toda sua potencialidade, e isso não tem como ser construído só pelo estudo formal dessa expressão cultural, mas pela consciência e pela mística de quem o vivencia.

Veronez (2006) avalia como positivo esse fenômeno, do Awê ser estudado na escola, pois essa ação possibilitará que gradativamente o ritual seja assimilado pelas crianças e gerações futuras não ocorrendo o risco de deixar de ser praticado, assim de ter que (re)aprendê-lo.

Para Bogo (2009) o trabalho, a linguagem e as relações sociais são manifestações culturais que irão formar a consciência social de um grupo. O Awê é uma linguagem que representa cultura, portanto a sua prática é uma condição para a formação da consciência.

Inferimos que o fortalecimento da identidade cultural dos indígenas Pataxós passa, necessariamente pela cultura e pela consciência, pois é exatamente no domínio desses conhecimentos que os grupos Pataxós construirão ações políticas e o fortalecimento da identidade coletiva cultural.

Essa afirmação de que a consciência coletiva indígena vem do Awê está presente no discurso do cacique da aldeia Águas Belas: *“ele é de grande importância e eficácia, pois é a partir daí que colocamos o corpo, a alma, os nossos deuses, conseguindo uma prática libertária”*.

O fortalecimento da indianidade, a tomada de consciência – ser Pataxó se intensificou com o estudo do “Patxoha”, na escola; assim é por meio da língua que o Awê é socializado ao tempo que é por meio dele também que a língua é aprendida. Em Marx e Engels temos:

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, de início, diretamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, os intercâmbios espirituais dos homens aparecem aqui como emancipação direta de seu comportamento material. A consciência jamais pode ser outra coisa do que o ser consciente, e o ser dos homens é o seu processo de vida real. (apud BOGO, 2009, p. 11).

A construção da consciência política dos Pataxós tem como canal a escola e as relações sociais, e é nesse contexto que o Awê tem sido vivenciado. Os Pataxós precisam da escola para que o Awê seja dinamizado. Para estes indígenas a educação escolar é uma ação cultural, e os pais delegam aos professores a responsabilidade do ensino do Patxohã e para a aprendizagem das músicas que são cantadas no Awê, uma vez que a maioria dos adultos também está aprendendo o Patxohã.

Considerações Finais

O estudo sobre os povos indígenas da Bahia não é uma tarefa tão fácil, pois só recentemente antropólogos e linguistas se debruçaram sobre esses povos e suas culturas. O descaso se deu em função de que os índios do Nordeste, especificamente os da Bahia ter sido considerado como caboclos; porque não apresentavam práticas culturais que os diferenciava dos demais grupos.

Nos últimos vinte anos os indígenas nordestinos vem se impondo pelo processo das emergências étnicas e da reconstrução cultural. a cultura como um meio de adaptação desses sujeitos, que ora se aproximam dos demais segmentos sociais, em outros momentos se afastam, delimitando-se onde e como os rituais são vivenciados.

A existência de indígenas na Bahia é instituída por meio de signos culturais como as mobilizações, a retomada do território, o movimento de aldeamento, a implantação da escola, a prática de rituais e o uso da língua nativa. No entanto, o signo eleito pelas etnias da região Nordeste como genuinamente indígena é o Awê. Este signo não-verbal e verbal traduz parte da memória dos ancestrais, ressignificada no estabelecimento de relações sociais com os demais grupos indígenas.

A recuperação das manifestações culturais pelos Pataxós da Bahia tem sido uma das formas de resistência étnica. O Awê que tem a mesma simbologia do Toré, especificamente as músicas cantadas no ritual nos diferentes espaços educativos tem sido utilizadas como símbolos da cultura e da memória desse povo.

Essa prática sociocultural - a vivência do Awê tem contribuído para a formação da consciência étnica dos Pataxós ao mesmo tempo que afiança a sua indianidade, isto é, o reconhecimento das comunidades como indígenas pelos não-índios.

Os Pataxós percebem a necessidade de preservar as tradições, de recuperar signos perdidos, como a língua. No processo de recuperação da língua aconteceu um fenômeno interessante o registro de cantigas do Awê passou a ser o veículo de aprendizado do Patxohã.

A preocupação em preservar a memória, especificamente a dança, isto é, o Awê que tem aspectos de uma cultura oral é traduzido por alguns como um signo de resistência, e, portanto deve ser passado para as futuras gerações, e para que isso aconteça os Pataxós delegaram à escola a função de socializar e de preservar essa prática cultural, a fim de que os/as estudantes, independente de que ancestralidades, se sintam pertencentes aos Pataxós da atual conjuntura.

Os estudos sobre os Pataxós revelou que há um fortalecimento da identidade cultural coletiva, por meio da recuperação desses signos culturais, como o Awê e a língua indígena. Esse processo vem contribuindo para que os aldeados tomem consciência da importância de auto afirmarem indígenas.

O Awê é considerado como um símbolo de identidade pela comunidade estudada, como as demais vinte etnias indígenas do Nordeste. Sendo assim, ele pode ser entendido como sistema linguístico de afirmação cultural e político. É um signo convencionado como símbolo de resistência. E a vivência do mesmo tem contribuído para a formação de sujeitos politizados e conscientes de seus direitos. A adoção do Awê como prática cultural genuinamente indígena acontece de forma consciente, pois ele é um signo de indianidade, uma vez que possibilita aos que o vivencia a compreensão do que é, em parte, ser Pataxó.

Referências

BOGO, Ademar. **O MST e a Cultura**. São Paulo: MST, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Referencial curricular nacional**. Brasília: Mec, Sef, DPEF, 2002.

GRÜNEWALD, R. de A. **As múltiplas incertezas do toré**. In: Toré: regime encantado do índio do Nordeste. Recife: Massangana, 2005.

GRUPIONI, Luís Donisete Benzi; VIDAL, Lux Boelitz; FISCHMANN, Roseli. (orgs.). **Povos Indígenas e Tolerância**: construindo práticas de respeito e solidariedade. São Paulo: USP, 2001.

ISTO É BRASIL 500 ANOS. **Atlas Histórico**. São Paulo: Grupo Comunicação Três S/A, 2000.

MARTINS, Marco Aurélio. **O toré na Lagoa Grande**. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kiriri/706>>. Acesso em 9/04/2011.

NASCIMENTO, Marco Tromboni. **O tronco da jurema**: ritual e etnicidade entre os povos indígenas no Nordeste - o caso Kiriri. Salvador: UFBA, 1994. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kiriri/706>>. Acesso em 9/04/2011.

PREZIA, Benedito; HOORNAERT, E. **Esta terra tinha dono**: 3. ed. São Paulo: FTD, 1992.

RIBEIRO, Darcy. **O processo civilizatório**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.

SADRAQUE, S. F. dos Santos. **Aldeia Águas Belas**. In: Leituras Pataxós: raízes e vivências do povo Pataxó nas escolas. Salvador: MEC/FNDE/SEC/SUDEB, 2005.

VALLE, Claudia Netto do. **Sou Brasileiro, Baiano, Pataxó**. Dissertação (doutorado). São Paulo: PUC, 2000.

VERONEZ, Helânia Thomazine Porto. **A instalação das escolas indígenas nas aldeias de Cumuruxatiba (BA) e a reconstrução da identidade cultural Pataxó**. Publicado nos Anais Educação, História e Cultura. VI Colóquio do Museu Pedagógico UESB. Vitória da Conquista: Editoração eletrônica e projeto gráfico Wmoreira Internet, 2006. <file://D:/comunicações/12.htm.> em 12/1/2007.

VERONEZ, Helânia Thomazine Porto. **As Políticas públicas e a educação indígena**. Revista Mosaicum. , v.1. Teixeira de Freitas: FASB, 2006.

VERONEZ, Helânia Thomazine Porto. **As escolas indígenas das aldeias de Cumuruxatiba e a reconstrução da identidade cultural Pataxó**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar Educação, Administração e Comunicação). São Paulo: Universidade São Marcos, 2006.

VERONEZ, Helânia Thomazine Porto. **O artesanato Pataxó**: tradições, significados e simbolismos. Revista Pesquisa em debate. Ano III, n.4. São Paulo: Editora São Marcos, jan-jun 2006. p. p. 26-34.